

A respeito da Violenta Polícia da Paz

Uma carta aberta a Chris Hedges

David Graeber

Estou escrevendo isso sob a premissa de que você é uma pessoa de boas intenções que deseja que o Occupy Wall Street dê certo. Estou também escrevendo como alguém que esteve profundamente envolvido nas etapas iniciais de planejamento do Occupy em Nova Iorque.

Também sou um anarquista que participou em vários Black Blocs. Apesar de pessoalmente nunca ter participado de atos de dano à propriedade, eu fiz parte mais de uma vez de Blocs em que houve danos à propriedade. (Eu fiz parte de mais Blocs ainda que não empreenderam tais táticas. É um erro comum dizer que os Black Blocs só pensam nisso.)

Eu era praticamente o único veterano de Black Bloc que participou do planejamento da estratégia inicial para o Occupy Wall Street. Na verdade anarquistas como eu eram o verdadeiro núcleo do grupo que surgiu com a ideia de ocupar o Zuccotti Park, do slogan dos “99%”, do processo da Assembleia Geral, de quem decidiu coletivamente que adotaríamos a estratégia gandhiana de não-violência e evitaríamos atos de dano à propriedade. Muitos de nós tinham participado dos Black Blocs. Não sentíamos que era uma tática apropriada para a situação em que estávamos.

É por isso que me sinto compelido a responder à sua afirmação sobre “o câncer no Occupy”. Essa afirmação não é só factualmente imprecisa, também é literalmente perigosa. É uma espécie de desinformação que pode realmente matar

peças. Na verdade é mais possível de fazer isso, na minha opinião, do que qualquer coisa feita por um adolescente coberto de preto jogando pedras.

Deixe-me explicar alguns pontos iniciais:

1. Black Bloc é uma tática, não um grupo. É uma tática pela qual ativistas põem máscaras e roupas pretas (originalmente jaquetas de couro na Alemanha, depois blusas nos Estados Unidos) como uma atitude pelo anonimato, pela solidariedade e para indicar aos outros que eles estão preparados, se for o caso, para uma ação militante. A natureza da tática desmente a acusação de que eles tentam assaltar o movimento ou ameaçar os outros. Uma das ideias em se ter um Black Bloc é que todos que vêm ao protesto devem saber onde estão as pessoas dispostas a fazer parte de uma ação militante; torna-se, por consequência, também mais fácil evitar isso se alguém quiser.

2. Black Blocs não representam uma posição ideológica em especial ou até mesmo anti-ideológica. Black Blocs tenderam no passado a serem feitos principalmente de anarquistas, mas a maioria contém participantes cujas posições políticas variam do marxismo à social-democracia. Eles não estão unidos por ideologias, ou pela falta de ideologia, mas somente pelo

sentimento de que criar um bloco de pessoas com políticas claramente revolucionárias e dispostas a confrontar forças da ordem por meio de outras táticas militantes se for preciso é algo útil em particular na ocasião em que eles se veem. Não se pode falar de “anarquistas de Black Bloc” como um grupo de ideologia identificável senão poderá se falar também de “anarquistas de cartazes” ou “anarquistas de teste de som”.

3. Mesmo que você selecione uma minoria minúscula, ultraradical dentro do Black Bloc e finja que suas visões sejam representativas de qualquer um que vista uma blusa preta, você poderia pelo menos estar atualizado sobre eles. Somente em 1999 as pessoas fingiam que “o Black Bloc” era feito de seguidores primitivistas niilistas de John Zerzan, opostos a todas as formas de organização. Hoje em dia, a abordagem preferível é fingir que “o Black Bloc” é feito de seguidores insurreicionários niilistas do Comitê Invisível, opostos a todas as formas de organização. Ambas as ideias são estigmas absurdos. A sua está atrasada em 12 anos.

4. Seu comentário sobre participantes de Black Blocs que odeiam zapatistas é um dos mais absurdos que já ouvi. É claro, se você procurar bem, conseguirá achar alguém dizendo qua-

se a mesma coisa. Mas suspeito que, apesar da diversidade ideológica, se você fizer uma enquete com os participantes de um Black Bloc comum e perguntar qual movimento político no mundo mais os inspirou, o ELZN conseguiria cerca de 80% dos votos. De fato, poderia apostar que pelo menos um terço dos participantes em um Black Bloc comum veste ou carrega consigo algum artigo zapatista. (Você realmente falou com alguém que participou de um Black Bloc? Ou só com pessoas que não gostam deles?)

5. “Diversidade de táticas” não é uma ideia vinda do Black Bloc. Foi o GA original no Tompkins Square Park que planejou a primeira ocupação, se não estou enganado, que adotou o princípio de diversidade de táticas (pelo menos isso foi discutido com grande ânimo), enquanto nós aprovávamos a abordagem gandhiana como a melhor estratégia. Isso não é uma contradição: “diversidade de táticas” significa deixar isso para a consciência de cada um em

vez de impor um código a todos. Em partes, isso se deve ao fato de que impor isso irremediavelmente dá efeitos negativos. Na prática, significa que alguns grupos acabam se indignarem e fazem mais ações combativas do que fariam em outras situações, fora de sincronia com os outros – como aconteceu, por exemplo, em Seattle. Os resultados são geralmente desastrosos. Depois do fiasco em Seattle, quando ativistas se esforçaram em atirar uns aos outros à polícia, decidimos que precisávamos assegurar que isso não aconteceria de novo. Descobrimos que se tivéssemos declarado que: “devemos ser solidários uns com os outros. Não entregaremos manifestantes parceiros para a polícia. Trataremos vocês como irmãs e irmãos. Mas esperamos que vocês façam o mesmo por nós”, então, aqueles dispostos a agir de maneira combativa agiriam em solidariedade também, tanto para evitar ações militantes que possam prejudicar outros (como em Ações de Justiça Global, nas quais os Black Blocs apenas ajudaram a proteger as solitárias, ou no Zuccotti



Park, onde ninguém fez blocs), quanto para praticar essas ações de modo a causar o mínimo risco aos parceiros.

*
* *

Tudo isso é secundário. Escrevo principalmente para apelar à consciência. A sua consciência, já que você é uma pessoa sincera com boas intenções que quer que esse movimento dê certo. Eu imploro: por favor, pense no que estou dizendo. Por favor, lembre-se quando digo que não sou um niilista louco, mas sim uma pessoa sensata que é um (senão o único) dos autores da estratégia gandhiana que o OWS (Occupy Wall Street) adotou – além de um estudioso dos movimentos sociais, que passou muitos anos participando desses movimentos e tentando entender sua história e sua dinâmica.

Sigo nesse apelo porque realmente acredito que uma declaração como a sua é bastante perigosa.

A razão pela qual digo isso é porque, não importando seus motivos, é muito difícil ler sua declaração senão como um apelo à violência. Afinal de contas, o que você está dizendo na verdade sobre os “anarquistas de Black Bloc”?

- 1) eles não são parte de nós;
- 2) são conscientemente malévolos em suas intenções;
- 3) são violentos;

- 4) não têm qualquer fundamento;
- 5) são todos iguais;
- 6) querem nos destruir;
- 7) são um câncer que precisa ser extirpado.

Com certeza você precisa reconhecer que, quando se define tudo dessa forma, é exatamente esse tipo de linguagem ou argumento que, na história, tem sido invocado para atacar fisicamente, “limpar” uma etnia ou exterminar outra – na verdade esse tipo de linguagem ou argumento que quase nunca é invocado para qualquer outra circunstância. Afinal de contas, se um grupo é feito exclusivamente de fanáticos violentos sem fundamento, com a intenção de nos destruir, o que mais poderíamos fazer? Essa é a linguagem da violência em sua forma mais pura, muito mais que “foda-se a polícia”. Ver esse tipo de linguagem usada por alguém que diz falar em nome da não-violência é realmente extraordinário. Eu reconheço que você conseguiu achar certos elementos peculiares à margem do anarquismo ao dizer algumas coisas bem extremas. Não é difícil fazer isso, especialmente pelo fato de que essas pessoas são mais facilmente encontradas na internet do que na vida real, mas seria difícil surgir com um “anarquista de Black Bloc” dando uma declaração tão extrema quanto essa.

Mesmo que você não quisesse que



sua declaração soasse como um apelo à violência, o que suspeito que não seja o caso, como você acredita de verdade que muitos não a leriam assim?

Pela minha experiência, quando afirmo algo assim, a primeira reação que tenho de pacifistas são frases como: “do que você está falando? É claro que não sou a favor de atacar qualquer um! Eu não sou violento! Só estou pedindo para confrontar esses elementos sem violência e excluí-los do grupo!” O problema é que, na prática, isso praticamente nunca acontece. Ao longo do tempo, o que isso significou de verdade é: a) atirar companheiros para a polícia, ou seja, atirá-los para pessoas com armas que vão agredi-los, algemá-los e prendê-los; ou: b) levar ativistas a se agredirem. Essas coisas já aconteceram. Houve agressões físicas a ativistas por parte de outros ativistas,

e, pelo que saiba, nunca foram promovidas por qualquer pessoa em um Black Bloc, mas sim, invariavelmente, por ditos pacifistas contra qualquer um que tente colocar uma toca na cabeça ou uma bandana sobre o rosto, ou simplesmente contra anarquistas que adotam táticas que se pensa que vão longe demais. (Não preciso nem mencionar táticas potencialmente violentas. Durante 15 minutos no Occupy Austin, fui ameaçado primeiro de ser detido, depois de ser agredido por companheiros de acampamento, porque estava expressando solidariedade - demonstrando uma resistência passiva - por um grupo de anarquistas que montava o que foi considerado uma barraca não-autorizada.)

Esse tipo de situação com frequência produz ironias extraordinárias. Em Seattle, os únicos casos de real agres-

são física por manifestantes para com outros indivíduos não foram ataques à polícia, já que não ocorreram de forma alguma, mas sim ataques de “pacifistas” contra integrantes do Black Bloc ocupados em atos de dano à propriedade. Considerando que o Black Bloc tinha concordado coletivamente com uma política de não-violência (que eles definiram como não fazer nada que ameaçasse outro ser vivo), eles se recusaram em conjunto a voltar atrás. Em muitas ocupações recentes, a autodenominada “Polícia da Paz” maltratou ativistas que apareceram com roupas pretas e toucas, arrancaram suas máscaras e os empurraram e chutaram; como sempre, sem que as vítimas tenham feito qualquer ato de violência; sempre com as vítimas recusando, sob base moral, a empurrar ou chutar em resposta.

O tipo de retórica que você assume, se se disseminar amplamente, assegurará que esse tipo de violência se torne muito, muito mais severa.

*
* *
*

Talvez você não acredite em mim, ou não acredite que esses acontecimentos sejam significativos. Se for o caso, deixe-me colocar a situação em um contexto histórico maior.

Se entendi seu argumento, parece que se delineia deste modo:

1. OWS teve sucesso porque seguiu uma estratégia gandhiana ao mostrar que, mesmo com uma oposição estritamente não-violenta, o Estado responderá com violência ilegal;

2. Integrantes do Black Bloc que não agem de acordo com os princípios gandhianos de não-violência estão destruindo o movimento, pois dão uma justificativa retroativa para a repressão estatal, especialmente para a visão da mídia;

3. Portanto, os integrantes do Black Bloc precisam ser, de algum modo, extirpados.

Como um dos autores da estratégia gandhiana original, posso lembrar o quão conscientes estávamos quando moldamos essa estratégia de que tomávamos um risco enorme. Táticas gandhianas não funcionaram historicamente nos EUA. Na verdade, elas não funcionaram em larga escala desde o Movimento dos Direitos Civis. Isso se deve ao fato de a mídia americana ser constitucionalmente impedida de relatar atos de repressão policial como “violência”. (Uma razão pela qual o Movimento dos Direitos Civis foi uma exceção é que muitos americanos não viam o Extremo Sul como parte do mesmo país.) Muitos dos jovens que formaram o famoso Black Bloc em Seattle eram, na verdade, ecoativistas

que tinham se envolvido em defesa de florestas que funcionavam sob princípios puramente gandhianos – só para provar que, nos EUA dos anos 90, manifestantes não-violentos poderiam ser violentados, torturados (com spray de pimenta nos olhos) e até mesmo mortos sem qualquer objeção forte da mídia nacional. Então eles mudaram de tática. Sabíamos disso. Decidimos que valia o risco.

No entanto, também estamos cientes de que, quando a repressão começa, alguns sairão do lugar e reagirão como bons militantes. Mesmo que isso não ocorra de maneira sistemática e organizada, alguns atos violentos acontecerão. Você escreveu que os integrantes do Black Bloc destruíram um “café local”; duvidei disso quando li, já que a maioria dos Black Blocs concordam com uma política rígida de não causar danos a pequenos empresários, e agora vejo na resposta de Susan Cagle a seu artigo que, na verdade, era um café pertencente a uma franquia, e que o dano à propriedade foi realizada por alguém que não estava de preto. Ainda assim, você está certo: alguns incidentes desses podem realmente ocorrer.

A questão é como se reage.

Se a polícia decidir atacar um grupo de manifestantes, dirá que foi provocada, e a mídia repetirá qualquer coisa que a polícia disser – não importando se for plausível ou não – como

sendo os fatos básicos iniciais sobre o que aconteceu. Isso acontecerá se alguém no protesto fizer algo que possa ser remotamente descrito como violento ou não. Muitas afirmações da polícia serão obviamente ridículas – como na última marcha em Oakland, na qual a polícia acusou manifestantes de atirar “explosivos improvisados” –, mas não importa quantas vezes ela mentir sobre isso, a mídia nacional relatará suas reivindicações como verdadeiras, e ficará para os manifestantes fornecer provas contrárias. Às vezes, com ajuda das mídias sociais, conseguimos demonstrar que alguns ataques da polícia foram completamente injustificados, como no famoso caso do spray de pimenta de Tony Bologna. Mas não podemos provar que a princípio todos os ataques da polícia são injustificados, mesmo todos os ataques em um protesto em especial. É fisicamente impossível filmar tudo o que acontece de todos os ângulos possíveis a todo tempo. Portanto, podemos imaginar que, não importando o que fizermos, a mídia relatará com obediência que “manifestantes entraram em confronto com a polícia” em vez de que “a polícia atacou manifestantes não-violentos”. Digo mais: quando alguém jogar uma bomba de gás, atirar uma garrafa ou pichar algo, podemos esperar que esse ato será usado como justificativa retroativa para qualquer violência policial ocorrida antes mes-



mo do ato acontecer.

Tudo isso será verdade estando o Black Bloc presente ou não.

Se a questão moral for: “é aceitável fazer ameaças físicas àqueles que não ameaçam diretamente outros?”, pode-se dizer que a questão pragmática, tática é: “mesmo se fosse possível criar uma Polícia da Paz capaz de prevenir qualquer ato que possa ser interpretado como ‘violento’ pela mídia corporativa, por alguém em um protesto ou próximo dele, não importando qual seja o motivo, isso teria algum efeito significativo?” Isto é, seria criada uma situação em que a polícia sentiria que não poderia usar sua força arbitrariamente contra manifestantes não-violentos? O exemplo do Zuccotti Park, onde chegamos a certa não-violência consistente, sugere que a hipótese é difícil de ser

aceita. E, o que talvez seja o mais importante, mesmo se fosse possível de algum modo criar uma espécie de Polícia da Paz que pudesse prevenir que alguém sob ataque de gás atirasse uma garrafa, de maneira que pudéssemos afirmar que ninguém fez nada para sustentar o tipo de ação que a polícia tem feito com frequência, a cobertura um pouco melhor da mídia que poderíamos conseguir valeria o custo à liberdade e à democracia que se seguiria inevitavelmente da criação de tal força policial só para começar?

*
* *
*

Essas não são questões hipotéticas. Todo grande movimento de massa de desobediência civil não-violenta teve que lidar com elas de uma forma ou

de outra. Quão aberto você deveria ser com aqueles que têm ideias diferentes sobre quais táticas são apropriadas? O que você faz com aqueles que vão além do que a maioria considera serem os limites aceitáveis? O que você faz quando o governo e sua mídia aliada apresentam suas ações como justificativa – até mesmo justificativa retroativa – para atos de violência e repressão?

Movimentos de sucesso já entenderam que é absolutamente essencial não cair na armadilha feita pelas autoridades e passar o tempo condenando ou tentando policiar outros ativistas. Deixa-se claro os princípios de cada um. Expressa-se qual solidariedade pode se ter com outros que compartilham da mesma luta, e se não puder tê-la, tenta ignorar ou evitá-la, mas, acima de tudo, manter o foco na verdadeira fonte de violência sem fazer ou dizer algo que possa justificar essa violência por causa de desentendimentos táticos que se tenha com outros companheiros.

Lembro-me da minha surpresa e do meu prazer ao conhecer os ativistas do Movimento Jovem 6 de Abril, do Egito, quando a questão da não-violência deles veio à tona. “É claro que somos não-violentos”, disse um dos primeiros organizadores, um jovem de políticas liberais que trabalhava em um banco. “Ninguém nunca usou armas de fogo ou algo do tipo. Nunca fizemos algo mais combativo do que jogar pedras!”

Ali estava um homem que entendia o que se precisa para vencer uma revolução não-violenta! Ele sabia que se a polícia começasse a atirar bombas de gás sobre a cabeça das pessoas, bater com cassetetes, prender ou torturas pessoas, com centenas de manifestantes, alguns reagiriam. Não há jeito para se evitar isso. A resposta adequada é lembrar sempre todos da violência das autoridades estatais, e nunca, nunca mesmo escrever longas denúncias de outros ativistas dizendo que fazem parte de uma conspiração fanática, maléfica e insana. (Mesmo que eu esteja quase certo de que se um ativista hipotético egípcio quisesse comprovar que salafistas violentos ou até mesmo trotskistas tentaram subverter a revolução, e adotasse os mesmos padrões de evidência que os seus, procurando por declarações inflamadas onde fosse e fingisse que são típicas de qualquer um que atire uma pedra, eles poderiam facilmente comprovar tudo.) É por isso que a maioria de nós sabe que o regime de Mubarak atacou manifestantes não-violentos, e não sabe que muitos responderam atirando pedras.

Os ativistas egípcios, em outras palavras, entenderam o que jogar o jogo da polícia realmente significa.

Na verdade, por que nos limitarmos ao Egito? Como estamos falando de táticas gandhianas aqui, por que não pensamos no caso do próprio Gandhi?

Ele teve que pensar em que dizer àqueles que foram além de jogar pedras (ainda que os egípcios jogando pedras na polícia já tenham ido além de qualquer Black Bloc dos EUA). Gandhi fazia parte de um amplo movimento anticolonial que incluía elementos que de fato pegavam em armas de fogo, na verdade elementos interessados em terrorismo absoluto. Ele começou a delinear sua própria estratégia em massa de resistência civil não-violenta em resposta ao debate sobre o ato de um nacionalista indiano que entrou no escritório de um oficial britânico e atirou-o cinco vezes no rosto, matando-o na hora. Gandhi deixou claro que, mesmo que fosse contrário ao assassinato sob quaisquer circunstâncias, ele também se recusava a denunciar o assassino. Era um homem que estava tentando fazer a coisa certa, agir contra uma injustiça histórica, mas que agiu da maneira errada porque estava “bêbado com uma ideia doida”.

Ao longo dos 40 anos seguintes,

Gandhi e seu movimento foram constantemente denunciados pela mídia, assim como anarquistas não-violentos são sempre denunciados pela mídia (e preciso ressaltar aqui que, mesmo não sendo anarquista, Gandhi foi bastante influenciado por anarquistas como Kropotkin e Tolstói), como mera fachada para elementos terroristas mais violentos, com os quais se disse que ele estaria colaborando em segredo. Ele foi frequentemente desafiado a provar suas credenciais não-violentas ao ajudar as autoridades a suprimir tais elementos. Nisso Gandhi se manteve decidido. É sempre moralmente superior, ele insistia, se opor à injustiça por meios não-violentos que por meios violentos. No entanto, opor-se à injustiça por meios violentos é ainda moralmente superior a não fazer nada para se opor à injustiça.

E Gandhi estava falando de gente que estava explodindo trens, assassinando oficiais do governo, não quebrando janelas ou pichando frases mal-educadas sobre a polícia.

David Graeber é antropólogo, pesquisador na London School of Economics e ativista do Occupy Wall Street. Texto originalmente publicado na revista digital N+1, traduzido por Miguel F.